

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS
SILENE JACÓ DE SOUSA CARRIJO

SCRIPT DE VIDA E MITO FAMILIAR: UM ESTUDO COMPARATIVO

UBERLÂNDIA-MG

2011

SILENE JACÓ DE SOUSA CARRIJO

SCRIPT DE VIDA E MITO FAMILIAR: UM ESTUDO COMPARATIVO

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais - em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia
Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA-MG

2011

SCRIPT DE VIDA E MITO FAMILIAR: UM ESTUDO COMPARATIVO

LIFE SCRIPT AND FAMILY MYTH: A COMPARATIVE STUDY

SILENE JACÓ DE SOUSA CARRIJO¹

FATEP- Faculdade de Tecnologia Paulo Freire
UNAT-BRASIL- União Nacional dos Analistas Transacionais

RESUMO

Considerando o interesse no conceito de transmissão transgeracional, este trabalho busca colocar o conceito de *Script* de vida e de mito familiar em diálogo; mostrar a confluência, a divergência e os pontos complementares, entre as duas abordagens que tratam esse tema. A temática do *Script* de vida se destaca entre os dez conceitos da Análise Transacional, teoria criada pelo psiquiatra Eric Berne. O mito familiar colocado sob a perspectiva sistêmica cerceia o grupo familiar e, é apresentado através de rituais que se modificam com o tempo. No confronto das duas abordagens os aspectos congruentes relacionam aos elementos restritivos impostos à vida das pessoas, aos motivos para a criação, ao meio de transmissão e à presença de complementaridade de papéis. Quanto aos aspectos que se divergem, o foco dado ao indivíduo pela teoria do *Script* de vida, difere do foco dado ao grupo familiar preconizado pelo mito familiar; bem como diferenças quanto aos processos de adoecimento, início e desenrolar da história e manutenção da transmissão. A elaboração das informações, reveladas pelas duas fontes poderão ajudar mais precisamente na identificação dos padrões transgeracionais que perpassam nas famílias, capazes de regular, proibir e coibir comportamentos e ações, restringindo a liberdade individual e do grupo familiar e, ainda, revelarem a natureza intersubjetiva e determinante da constituição da subjetividade. Possivelmente as reflexões teóricas sobre os dois conceitos juntos sejam também úteis no futuro para a operacionalização de ferramentas práticas que permitam aos terapeutas avançar no trabalho com estas noções.

Palavras- chave: *Script* de Vida; Mito Familiar; Análise Transacional; Terapia Familiar Sistêmica

¹ Psicóloga Clínica formada pelo Centro Universitário do Triângulo. Email- silenejaco@hotmail.com

ABSTRACT

Considering the interest on the concept of transgenerational transmission, this paper aims to put the concepts of life Script and family myth in dialogue; to show the confluence, the divergence and the complementary points between the two approaches for the theme. The life script stands out between the ten Transactional Analysis concepts, theory created by psychiatrist Eric Berne. The family myth, put under the systemic perspective, limits the family group and is presented through rituals modifying during time. On the confront between the two approaches, the congruent aspects are related to the restraining elements imposed to people's lives, to the motives for creation, to the means for transmission and to the presence of complementary roles. As for the diverging aspects, the focus put on the individual by the theory of life script is different from the focus given to the family group by the family myth; just like differences concerning sickening processes, beginning and development of the story and the maintenance of the transmission. The elaboration of the information revealed by the two sources may help precisely on the identification of the transgenerational patterns going through families, able to regulate, prohibit and restrain behaviors and actions, restraining both individual and family liberty and, still, to reveal the intersubjective and determining nature of the subjectivity constitution. Possibly the theoretical reflections on the concepts together in the future are also useful for the operationalization of practical tools that allow therapists to advance the work with these notions.

Key-words: Life Script; Family Myth; Transactional Analysis; Systemic Family Therapy

A idéia de transmissão transgeracional – o movimento entre gerações exercido em sentido descendente (das mais antigas para as mais novas), que acontece à distância, freqüentemente sem contato direto – tem sido colocado em um lugar de destaque no campo da psicologia, especialmente a partir dos estudos de Freud (1921, 1980), ao teorizar sobre as maneiras por meio das quais os padrões de relacionamento, sentimentos e comportamentos seriam transmitidos de uma geração à outra. A partir de então, uma série de vertentes psicológicas vêm trabalhando com esta noção, desde as psicanalíticas mais tradicionais (FREUD, 1921, 1980; BION, 1970; KAËS, 1988) até as mais recentes, que se valem do conceito de herança psíquica (SILVA, 2003), passando por contribuições de outras abordagens como a Análise Transacional (BERNE, 1988; STEINER 1976), além da Terapia Sistêmica (SELVINI PALAZZOLI 1978; ANDOLFI & ANGELO, 1989; BOWEN, 1978).

A grande importância dada a este conceito, para o entendimento do comportamento humano em diversas teorias, coloca a necessidade de uma constante investigação, bem como, de um aprofundamento teórico sobre o mesmo. Instigado por essas necessidades e pela formação da autora deste artigo em duas vertentes psicológicas que se valem da noção de transmissão transgeracional, quais sejam: a Análise Transacional e a Terapia Familiar Sistêmica, o presente trabalho é um estudo comparativo sobre os conceitos *Script* de vida e mito familiar, considerando o fato de se tratarem de explicações para o fenômeno da transmissão transgeracional e a centralidade ocupada por ambos como organizadores das teorias nas quais estão inseridos. Neste sentido, buscarei colocar os dois conceitos em diálogo, para ser possível entender em que medida eles se parecem, em quais pontos se contrapõem, e se (e como) podem ser complementares na ajuda pela compreensão da transmissão transgeracional.

Para isto, começarei apresentando o conceito de *Script* de vida, tal como trabalhado por autores da Análise Transacional, buscando explicar também a forma como, segundo esta teoria, os padrões transgeracionais são transmitidos. Em seguida, farei o mesmo movimento, desta vez tratando do conceito de mito familiar da Terapia Familiar Sistêmica para, então, prosseguir a possíveis reflexões comparativas entre eles. Investigar o mito familiar e o *Script* de vida é adentrar o universo de crenças sistematizadas que vão sendo

passadas de geração a geração, podendo influenciar de maneira significativa nas escolhas que as pessoas fazem, bem como na sua maneira de agir sobre elas. Estes conceitos poderão ajudar na identificação dos padrões transgeracionais que perpassam nas famílias, capazes de regular, proibir e coibir comportamentos e ações, restringindo assim a liberdade individual e do grupo familiar e, ainda, revelarem a natureza intersubjetiva e determinante da constituição da subjetividade. Possivelmente as reflexões teóricas sobre os dois conceitos juntos sejam também úteis no futuro para a operacionalização de ferramentas práticas que permitam aos terapeutas avançar no trabalho com estas noções.

O Script de Vida segundo a Análise Transacional

A Análise Transacional é uma teoria psicológica criada na década de 50, pelo psiquiatra americano Eric Berne. Ela tem influências, dentre outros, de Freud e Adler. É vista tanto como uma teoria, no sentido de buscar explicações para um fenômeno, quanto como uma filosofia de vida, ou seja, uma tomada de posição quanto ao ser humano. Ela trabalha em torno de dez conceitos que ajudam na compreensão do comportamento humano. Dentre eles, o conceito de *Script* de vida tem relevância fundamental, pelo fato de ser um organizador em torno do qual todos os outros são articulados. Ele trata da transmissão transgeracional e foi definido inicialmente por Berne (1988, p. 42) como “um plano de vida continuado formado na primeira infância sob a pressão parental. É a força psicológica que impulsiona a pessoa em direção ao seu destino, independente da luta contra ele ou da afirmação de que é sua livre e própria vontade”.

Ampliando esta descrição, Berne (1988) explica:

Toda pessoa possui um plano de vida pré-consciente ou *Script*, através do qual estruturam planos mais longos de tempo- meses, anos ou toda uma vida- preenchendo-os com atividades, rituais, passatempos e jogos que levam adiante seu *Script*; dando-lhe satisfação imediata, comumente interrompida por períodos de isolamento e, às vezes, episódios de intimidade. *Scripts* baseiam-se em geral, em ilusões infantis que poderão persistir toda uma vida. (p. 36).

Outros autores da Análise Transacional têm trabalhado também com o conceito de

Script. Dentre eles, Steiner (1976, p.140) é nome de destaque, e coloca que “o *Script* não somente prescreve a nossa conduta, como também nos separa do nosso próprio ritmo interior, nosso centro, sabedoria do nosso corpo que é capaz de nos informar o que é bom porque se sente bem, e o que é ruim porque se sente mal.” Este autor considera ainda que, a elaboração do *Script* tira a autonomia das pessoas. Quanto mais o *Script* for meticoloso, menos controle a pessoa tem de sua vida e mais se sente incapaz ou impotente. Para este autor o *Script* é essencialmente a impressão digital para um curso de vida.

Para ele, os *Scripts* de vida seguem os princípios aristotélicos do drama, que contém três partes: prólogo, clímax e catástrofe. Exemplificando com o caso de uma depressão que termina em suicídio, o prólogo da vida de uma pessoa seria sua infância, na qual seus protagonistas é ela mesma, e seus pais. O clímax seria o período adulto, durante o qual a pessoa luta contra o *Script* e parece escapar do seu destino ou catástrofe (suicídio), adquirindo certo grau de felicidade, ou seja, seria uma situação altamente instável e representaria a batalha entre duas forças: o *Script* ou tendência autodestruidora, e o desejo de evitar a catástrofe. O clímax, que pode acontecer na forma de um relacionamento feliz ou de um período de prosperidade, subitamente desembocaria na catástrofe, quando a pessoa relaxaria a batalha contra o *Script* e o destino seguiria seu curso: a depressão venceria. Neste momento, o desespero tomaria conta, levando ao suicídio.

Como é possível perceber, o *Script* é colocado como um plano de vida inconsciente que guia uma pessoa por toda a vida em direção a um desfecho final esperado. Segundo Crema (1985), enquanto a pessoa estiver dentro do seu *Script*, estará dançando uma música que é composta por seus pais, avós e antepassados e assim vai seguindo metas parentais, em lugar de pessoais. Interessante para o presente trabalho é entender os mecanismos por meio dos quais uma pessoa chega a ter um *Script*. Berne (1988) afirma que se trata de mecanismos de transmissão transgeracional, eficazes em passar mensagens, através de injunções e atribuições vindas dos pais, que levarão à decisão do *Script*.

A este respeito, Steiner (1976), explica que uma Injunção é uma proibição ou inibição do comportamento livre da criança e reflete os temores, desejos, raiva e vontades

da Criança (o Estado do Ego mais primitivo considerado pela Análise Transacional²) do pai ou da mãe, e vêm sempre na forma de informar à criança o que ela não deve fazer caso deseje manter-se em bons termos com seus pais. Existem Injunções que quase não afetam nosso comportamento, tais como “não cante”, “não ria alto”, ou “não coma muito doce”. Entretanto, há também outras bem mais abrangentes, tais como: “não seja feliz”, “não pense”, ou “não faça nada”. As Atribuições, por outro lado, informam às crianças o que elas devem fazer e, se seguidas, são reforçadas.

Juntas, Injunções e Atribuições constituem um programa de modificação do comportamento familiar. Segundo este autor, os seres humanos são profundamente afetados e submissos ao poder dos seus pais, cujas Injunções são incapazes de contestar, enquanto as seguem sem questionar vida afora, às vezes provocando sua própria destruição. Para ele, a criança toma a decisão do *Script* baseada nas informações de que dispõe no momento, decidindo que certas posições, expectativas e cursos de vida constituem uma solução para a problemática existencial na qual ela encontra-se, resultado do conflito entre as suas tendências autônomas e as Injunções recebidas de seu grupo familiar primário.

Segundo Noriega (2004) o *Script* de vida pode ser transmitido de uma geração para a próxima. Considera o caso de descendentes de alcoolistas como exemplo de transmissão transgeracional do *Script*, quando nesta família, uma criança torna-se alcoolista e outra uma co-dependente que poderá casar-se com um alcoolista. Para a autora, na perspectiva da Análise Transacional, co-dependência é vista como um *Script*, “é uma combinação de quatro tipos de *Scripts*: individual, familiar, gênero e cultural. Mensagens de *Script* são transmitidas por comunicação inconsciente entre os Estados de Ego dos membros da família de uma geração para a próxima”. (p.03).

Também neste sentido, Berne (1988) explica que os pais transmitirão para seus filhos o que aprenderam ou pensam ter aprendido. Pais perdedores transmitem a sua programação de perdedores, assim como pais vencedores também transmitem essa programação. Ele dá destaque ainda ao fato de que, segundo esta teoria, o destino do homem, levando em consideração, à sua nobreza e sua degradação, vêm a ser decidido por

² Estado de Ego é um conceito também criado por Berne para explicar a estrutura e dinâmica da personalidade. Para mais informações a este respeito, checar Berne (1981).

uma criança com não mais de seis anos. Isto leva a consequências importantes.

Segundo English (1968, 1997), uma maneira de livrar-se do desfecho do *Script*, principalmente no *Script* trágico, é através do *Episcript* que é “um enredo secreto baseado no pressuposto mágico de que nossas próprias tragédias podem ser evitadas se a passarmos para um objeto sacrificial, uma vítima ou um bode expiatório”. (p.339). A idéia é de um plano secreto capaz de forma mágica, passar a “batata quente” para outra pessoa para se livrar da própria destruição.

O indivíduo temporariamente acredita “livre” da injunção destrutiva de seu *Script*. Enquanto o *Episcript* for assumido por outra pessoa, o mesmo sente mais energizado pelo fato de se sentir curado, passando a “batata quente” da bebida desenfreada para outrem. Exemplifica com um caso clínico onde um pai pára de beber por preocupação do vício em drogas do filho adolescente, o pai deixa de beber porque o filho “assumiu” a maldição do vício, – aceitou o *Episcript* do seu pai –, assim que o filho curou-se, o pai volta a ser um alcoólatra. Evidencia-se, assim, o caráter impróprio deste procedimento, uma vez que não garante ao portador original do infortúnio de ser poupado do mesmo e ainda possibilita a criação de um “bode expiatório”.

Neste sentido, podemos considerar o trabalho terapêutico como recurso, onde deverá ser guiado para revelar o *Script* programado e desarticulá-lo, antes de chegar ao seu desfecho final. A idéia é a de que, se foi decidido uma vez, então trazer isto à consciência coloca a possibilidade de uma redecisão, agora orientada por informações do Estado do Ego Adulto, capaz de coletar e organizar informações mais precisas sobre o mundo, e não sob as influências parentais. Isto é ainda importante no sentido de quebrar o elo de uma corrente transgeracional que, de outra maneira, continuaria a ser transmitido.

O Mito Familiar

A Teoria Familiar Sistêmica, que situa o mundo em termos de relações e integração onde os sistemas não são limitados aos organismos individuais e às suas partes, teve sua origem no final da década de 50, com os trabalhos do antropólogo e biólogo Gregory Bateson sobre a comunicação entre os seres vivos. Posteriormente, com a colaboração das teorias sobre a comunicação humana, começaram a surgir às primeiras escolas de Terapia

Familiar Sistêmica. Neste contexto de produção teórica, o estudo dos mitos familiares nasceu da preocupação com as determinações sociais do comportamento sintomático no âmbito da esquizofrenia (GOMES, 2000). O mito familiar, considerado um fenômeno sistêmico, foi colocado por Ferreira (1974) como sendo um conjunto de crenças sistematizadas que são compartilhadas pelos membros da família a respeito de seus papéis recíprocos e à natureza das relações. A partir de então o conceito de mito familiar vem mostrando alguma evolução.

Compreendendo que a orientação para a vida advém principalmente da família, Krom (2000 p.32) fala do mito familiar como sendo “a concepção de mundo própria da família e o mapa do mundo individual”. Sob esta perspectiva, família é considerada como uma instituição “que faculta a entrada do homem num universo de valores, criadora de normas particulares e de sistemas de referência (mito ou ideologia) que servem como lei organizadora tanto da vida física quanto da vida mental e social dos indivíduos que dela participam”. (ENRIQUEZ (1989) *apud* GOMES (2000). (p.23)

Segundo Andolfi e Ângelo (1988), no decorrer da vida, as duas exigências – pessoal e familiar – se confrontam constantemente; o comportamento atual é o resultado da força e rigidez impostas pelas necessidades familiares sobre as individuais. Na infância e na adolescência, as condições de dependência do indivíduo da família são desfavoráveis à expressão plena das aspirações pessoais. Gomes (2000) atribui que o estudo dos mitos familiares visa contribuir para o esclarecimento dos efeitos que as crenças podem produzir sobre as expectativas, e estas, sobre a conduta e as relações sociais.

Pacolla (1994) busca compreensão do mito familiar através de padrões transgeracionais que permeiam o não dito na família. A autora considera que os comportamentos que ocorrem num sistema familiar possuem uma complementaridade geral: eles se encaixam. Estudiosos como Andolfi e Ângelo (1988), compreendem o mito familiar como um sistema de crenças compartilhadas por todos os membros da família, falando de cada um deles e suas posições na vida familiar. O mito familiar pode ser visto como mecanismo para favorecer o processo de individuação dos membros familiares. Ele permite revelar a complexidade do campo de experiências ligada aos processos de formação da identidade, na medida em que possibilita tanto destacar o sentido de separado

- aspecto de diferenciação - quanto observar a maneira pela qual cada sentido de identidade individual é influenciado por seu sentido de pertencimento. (GOMES, 2000).

Segundo Andolfi e Ângelo (1988) quando se procura o companheiro ideal - ou então pensa tê-lo encontrado -, se programa a carreira e o sucesso - ou insucesso -, ou se escolhe um tipo de relação em vez de outras, elementos míticos são introduzidos nas pessoas e nas situações correspondes. Eles explicam:

Para se criar um mito e compreender seu significado, deve considerar, pelo menos, três gerações; no que concerne a casamento, filhos, profissão, vida em geral. As expectativas de cada pessoa se tornam mais claras se abrangerem, além de suas experiências passadas, as expectativas de seus pais a seu respeito e como estas foram, por sua vez, motivadas por outras correspondentes nas respectivas famílias de origem. (p. 81 e 82).

Gomes (2000) procura revelar como o mito familiar se apresenta sob uma forma de conhecimento sobre o mundo que orienta ações e as maneiras das relações se desenvolverem. É o mito que articula tradições, heranças e circunstâncias, permitindo a cada um configurar sua experiência no mundo. Porém, o mito não se apresenta de forma explícita: ele emerge através dos rituais familiares e seus sentidos implícitos se tornam inconscientes.

Por meio dos mitos familiares é possível identificarem características específicas capazes de desenvolver relações patológicas no sistema familiar. Nestas famílias o mito toma conta do espaço emocional e passa a determinar as regras relacionais de forma rígida. (COLOMBO (1999) *apud* GOMES (2000)).

Os mitos identificados em uma família podem ser classificados como: mitos construtivos, sendo aqueles que destacam a transmissão de valores e normas particulares de geração a geração, ou, mitos nocivos, na medida em que criam condições para aumentar o estresse familiar, provocam ansiedade, rupturas, coalizões, distanciamentos físicos, condutas depressivas, alienação e drogadicção entre outros. (KROM, 2000). Cumprir o que o mito determina, para Gomes (2000), seria a sobrevivência do grupo e o não reconhecimento das outras possibilidades para enfrentar situações emocionais derivadas das

mudanças sociais. O ciclo vital da família levaria, assim, a sentimentos de frustrações que retroalimentam as relações disfuncionais. O mito familiar pode modelar os filhos que nascem dentro dele, e congelar aos extremos as regras da família, criando um clima favorável à eclosão psicótica. (PACCOLA, 1994).

Para entender o mecanismo de transmissão do mito familiar, autores como Andolfi e Ângelo (1988) se ocuparam em estudar os ritos que permitem a atualização e reformulação deste mito. Segundo eles, o mito familiar não se faz acessível somente pelo discurso, mas transmite-se através de rituais, nos quais metáforas, esculturas e a criação de imagens são arsenais capazes de dar sentido e significado. Os ritos são atos e comportamentos estritamente codificados na família, que se repetem no tempo e dos quais participam todos ou uma parte da família. Paccola (1994) coloca ainda que, os rituais têm a tarefa de transmitir aos membros da família valores, atitudes e modalidades comportamentais relativos a situações específicas ou vivências emocionais. Eles são moldados por regras estabelecidas pela família e os hábitos são por eles exteriorizados. Os rituais através da repetição produzem novas condutas, ações e significados capazes de fazer modificações nos mesmos.

Os rituais fazem emergir os significados importantes, derrubar esquemas já conhecidos e captar aspectos insuspeitados em ligações afetivas entre os integrantes da família. Porém, o objetivo principal do ritual é visualizar o sistema mitológico da família e permitir a evolução do mito. (ANDOLFI e ANGELO, 1988).

No contexto terapêutico, é por meio da elaboração dos mitos, permitida pela observação e intervenção utilizando-se dos rituais, que cada membro da família pode ser levado a se distanciar do que é prescrito pelo mito familiar e, ao mesmo tempo, aceitar os aspectos coerentes com a sua identidade pessoal. A terapia pode ainda permitir a distinção de aspectos patológicos nas relações familiares. (GOMES 2000).

Tendo explicado sobre os conceitos de *Script* de vida e de mito familiar, bem como de suas formas de transmissão de uma geração à outra, podemos agora proceder às reflexões pertinentes referentes a uma comparação entre eles, buscando compreender como podem dialogar para que se faça um entendimento maior sobre a transmissão transgeracional.

Script de vida e mito familiar: comparações teóricas

Os processos de transmissão transgeracional que ocorrem no *Script* de vida e no mito familiar se baseiam no pressuposto de que toda pessoa ao nascer é inserida numa história em andamento, na qual ela influencia e pela qual é influenciada. A herança familiar possui a força de levar a pessoa a se constituir a partir e no entorno dela. Pais e avós tentam indicar o caminho que a criança deverá seguir. O que a geração anterior deixa de resolver, ou resolve mal, pode ser um entrave ao crescimento do indivíduo.

A articulação destes dois referenciais teóricos, apresentada a seguir, possibilita fazer conexões entre elementos tirados a partir do conceito de mito familiar, referentes às crenças e à transgeracionalidade dos padrões que vão sendo passados de geração a geração nas famílias, com os princípios formadores do conceito de *Script* de vida, que também por meio de padrões e crenças familiares, transmitidos por Injunções e Atribuições, são capazes de influenciar o comportamento do indivíduo por toda uma vida.

O estudo aqui realizado favorece explicitar algumas dimensões que parecem comuns às duas abordagens. Para começar, percebemos como tanto o *Script* de vida quanto o mito familiar têm em sua fundamentação teórica a descrição de elementos restritivos, destacando o estabelecimento de limites de conduta, que são modeladores e servem como pauta de referência à qual se reportar. Na decisão do *Script*, segundo Steiner (1976), por exemplo, “a criança é forçada a abdicar dos seus direitos de nascença e o faz reajustando-se às expectativas e desejos que se adaptam à situação” (p.74). De forma semelhante, a respeito do mito familiar, Gomes (2000) explica que o mesmo funciona instituindo as regras e os poderes, autorizando ou não desejos, questões sobre a sexualidade e o enriquecimento. Delimitam os encontros indesejáveis e arriscados, proíbem áreas que representam uma ameaça. O mito familiar constitui elementos capazes de determinar o processo de percepção e de interpretação dos acontecimentos. Nestes moldes, podemos verificar que tanto no *Script* quanto no mito familiar a criança é colocada em contato com regras, capazes de inculcar modos de pensar, de atuar, que restringem sua autonomia.

Outro aspecto semelhante entre *Script* de vida e mito familiar refere-se ao caráter, geralmente oculto, das motivações para sua criação. Cada uma das teorias, de sua própria forma, postula que a pessoa recorre ao recurso do *Script* e do mito familiar,

respectivamente, com a finalidade de responder perguntas, sobre si mesma e sobre o mundo. É assim que são colocadas três motivações para a criação do mito familiar: a necessidade de compreender a essência do ser e da natureza; a necessidade de legitimar um conjunto de regras de relacionamento e de conduta de forma coesa; e a necessidade de dar sentido a acontecimentos ambíguos e casuais (GOMES, 2000). Berne (1988) considera que para o desenvolvimento do *Script* de vida é necessário achar um esquema que possa responder à seguinte pergunta: "o que acontece com alguém como eu?". Para Crema (1985), um dos autores da Análise Transacional, fazendo uma releitura de Berne, coloca que as motivações para se tomar a decisão do *Script*, passam pela resposta a uma série de perguntas básicas: "quem sou eu?", "quem são os outros"?, "O que eu faço no mundo"?, e com as respostas, a criança busca mecanismos de sobrevivência, fornecendo-lhe um referencial de localização psicológica para sua vida. Nota-se assim, como em ambas as abordagens o indivíduo busca mecanismos de apropriação da realidade.

Podemos observar também a similaridade apresentada nos dois conceitos em relação ao meio de transmissão, ambos serão transmitidos por meio de mandatos (ordens, proibições), que vão sendo passados de geração a geração. Berne, fundador da Análise Transacional, considera que é através das Injunções e de Mandatos que os pais passam para os filhos, e mediante sua aceitação, que a decisão do *Script* poderá ocorrer. A sua convicção da influência das gerações passadas se confirma quando da sua afirmação de que "para fazer-se uma dama, começa-se com a avó e para fazer-se um esquizofrênico também inicia com a avó" (p. 107 e 108). Para observarmos esta questão quanto ao mito familiar, Castilho prefaciando Gomes (2000) sustenta que cada família tem uma história mítica que, construída em três gerações tece o contexto delimitador da estrutura familiar que abarca legados, mandatos e rituais a serem cumpridos. Paccola (1994) busca compreensão do mito familiar através de padrões transgeracionais que perpassam o não dito na família. Desta forma observamos que os dois conceitos dão destaque a este padrão de transmissão que se dá através das gerações, considerando, sobretudo a influência mais direta, relacionada a três gerações em seqüencial (avós, pais e filhos).

Outro fato relevante para se comparar nos conceitos aqui tratados é a questão da complementaridade, colocada como condição, por um lado para se cumprir os papéis do

Script, e, por outro, para acatar a determinação da trama mítica. É assim que Kertész (1987), um dos teóricos da Análise Transacional, fala que o *Script* só é possível de ser cumprido mediante o desempenho de uma série de papéis complementares entre os membros da família. Neste mesmo sentido, em relação ao mito familiar, Ferreira (1974) explica que ele determina as relações entre os papéis complementares que se exigem de cada um dos membros da família em relação aos demais.

Como percebemos, muitos elementos permitem uma aproximação entre os conceitos de *Script* de vida e mito familiar, considerando diversas características nas quais se assemelham. Entretanto, os conceitos não são os mesmos, o que convida a pensar em que sentido eles se diferenciam e constituem proposições teóricas distintas. Uma diferença inicial importante pode ser vista na localização da preocupação central de cada uma das teorias. Começando pelo *Script* de vida, verifica-se um claro privilégio a respeito de sua função na vida do *indivíduo*. Assim, explica-se que é a pessoa individual quem, através de fantasias sobre as mensagens parentais recebidas, cria uma ilusão, responsável pela determinação da previsibilidade do desfecho do *Script*. (CREMA, 1985). Na teoria do mito familiar, por outro lado, o foco é colocado no *grupo* e na transmissão do mito entre o mesmo, como no caso, por exemplo, da “família nova” – aquela formada por um casal recém-constituído – que faz projeções para o futuro através de expectativas, programas, desejos e obrigações (ANDOLFI, 1996).

Neste mesmo sentido, considerar que tanto o *Script* de vida quanto o mito familiar apresentam fatores que determinam aspectos patológicos é muito interessante na investigação destes conceitos, uma vez que grande parte de suas fundamentações teóricas se sustentam justamente na postulação da necessidade de seu reconhecimento quando patológico e possível tratamento. No que diz respeito ao *Script*, podemos observar que os pais podem transmitir mensagens de cunho patológico para as crianças e se estas, decidirem por um *Script* trágico seguem recomendações de outra pessoa que as conduzem para a destruição (STEINER, 1976). O alcoolismo, o abuso de drogas, a depressão e a loucura podem ser exemplos de vivência em *Script* trágico. Em relação ao mito familiar, este pode revelar características específicas na família que podem desenvolver relações patológicas. Nestas relações os mitos determinam as regras familiares de forma bastante rígida, sem

tolerar qualquer satisfação emocional individual (GOMES 2000). Apesar deste ponto em comum, os aspectos nos quais tanto o *Script* de vida quanto o mito familiar contribuem para levar à patologia são diferentes, sendo que no *Script* de vida o adoecimento do indivíduo se dá quando este internaliza as mensagens ditas como bruxas, recebidas das figuras parentais pelas injunções e atribuições e conduz seu comportamento de acordo com as mesmas. Enquanto no mito familiar, o adoecimento se dá por meio da rigidez imputada pelo mito na relação entre cada membro do sistema familiar podendo levar a pessoa a desenvolver sintomas.

Essa diferença se torna ainda mais importante se considerarmos suas implicações para o tratamento terapêutico. Baseada nessa concepção de *Script*, a Análise Transacional tradicionalmente se preocupa em tratar de indivíduos que, com a ajuda de um terapeuta, serão capazes de identificar seu *Script* de vida, para assim, redecidir sobre ele. Para Crema (1985), a pessoa presa a um *Script* anseia por libertar-se. O autor diz que o desenvolvimento individual está sempre ligado a um processo de libertação individual, fazendo com que o autodirecionamento e o autocontrole tomem o lugar da compulsão interna ou da opressão externa. Neste sentido a psicoterapia pode vir a ser um processo de libertar o indivíduo da prisão do *Script*. Diferentemente disto, sustentada pela concepção acima explicitada do mito familiar, a Terapia Familiar Sistêmica busca trazer para o *setting* terapêutico o grupo familiar. Nas palavras de Minuchin (2009):

focar a família como o contexto para compreender a forma pela qual seus membros desenvolvem e modificam a concepção de si mesmo e dos outros e observar o poder que a família tem para influenciar a experiência e o comportamento de seus membros permanece sendo o núcleo de terapia familiar sistêmica (p. 24).

Portanto, compreende-se que o tratamento possível e eficaz deve acontecer junto a esta unidade. Para Andolfi e Ângelo (1988), os mitos familiares ajudam a captar os aspectos históricos e evolutivos da família. Sendo assim, as modificações que cada membro do grupo familiar possa alcançar durante um período de tempo estão correlacionadas ao grau de liberdade que lhe é concedida pelo mito familiar e, por conseguinte, a características de maior ou menor rigidez dos papéis e das funções desempenhadas em casa.

por meio da elaboração dos mitos em terapia, ajuda cada membro da família a distanciar-se do que é prescrito pelo mito e também a aceitar e aproveitar os aspectos coerentes com sua identidade pessoal.

Passando a um próximo item de comparação, podemos verificar fatores divergentes entre as teorias considerando o desenrolar das histórias influenciadas pelo *Script* de vida e pelo mito familiar. No *Script* de vida, considera-se haver uma previsibilidade, que vai desde o papel que a criança desempenhará na vida até o tipo de personagem com quem vai contracenar-se, como uma estória escrita onde cada elemento ocupa um lugar específico numa trama definida. Crema (1985) considera que “o *Script* é mais que um simples aprendizado precoce, é um aprender a aprender, influenciando todas as experiências futuras da pessoa, que torna, assim, previsível” (p. 199). O autor coloca que, com o *Script* atuando, a pessoa tende a perpetuar o passado no presente, indefinidamente, e transforma a aventura inusitada da vida num drama monótono e repetitivo. Por outro lado, o mito familiar possui uma característica de plasticidade, um caráter transitório, por isso imprevisível, pois suas estruturas se constroem e se modificam no tempo. Andolfi e Ângelo (1988) consideram o mito familiar como um processo de natureza circular, onde ocorre uma série de relações em evolução contínua, e modificam constantemente seu significado. Gomes (2000) coloca que, por seus efeitos de resignificação, o mito perde sua configuração, assim que se revela; para reconfigurar-se e recuperar seu caráter encobridor. Na trama mítica, acontece uma série de relações em evolução contínua, que modificam constantemente seus significados e criam sempre novas conexões ou divergências quanto ao significado original. (ANDOLFI E ANGELO, 1988).

Ocorre também diferenciação entre os dois conceitos no que se refere à iniciação dos dois processos. Berne (1988) fala da programação que a pessoa passa já nos seus primeiros dois anos e considera que este programa forma o esqueleto original ou a base do seu *Script*. A pessoa pequena acata o que a outra pessoa estabelece, no caso, pessoas próximas do núcleo familiar. Em condições favoráveis e adequadas a criança é influenciada também por histórias de fadas que lhes são contadas. Sobre o mito familiar, Andolfi e Ângelo (1988) concluem que sua criação exige que os membros da família traduzam uma série de conhecimentos e comportamentos reais e um conto compartilhado por todos para

permitirem que cada um possa ler suas experiências cotidianas, sentido de vida e reconhecer-se como parte integrante deste grupo. Paccola (1994) verifica que os mitos familiares se dão através de incorporação de mitos culturais e do surgimento de segredos, sugerindo que esses se desenvolvem através do grupo familiar que, ao tentar desvendar fatos sem possuir dados para fazê-lo, cria fantasias para desvelá-los. O tempo necessário para que todos esses processos possam ocorrer não é predeterminado e pode variar dependendo de cada família, o que está em contraste com a idade individual mais ou menos definida e preconizada pela teoria do *Script* de vida.

Como último aspecto, pode-se considerar que, as manutenções do *Script* de vida e do mito familiar, ocorrem de maneiras diferentes. Por um lado, o *Script* é nutrido por diálogos internos que o indivíduo mantém no decorrer da existência e que permitem a recriação do mundo de cada pessoa a cada momento (CREMA 1985). Por outro, a manutenção do mito familiar depende de aspectos específicos das relações entre as pessoas. Segundo Paccola (1994), estes aspectos que servem para a manutenção do mito são atos e comportamentos que se repetem no tempo, estritamente codificados na família e compartilhados por todos os seus membros.

As considerações comparativas entre os conceitos de *Script* de vida e mito familiar acima apresentada estão resumidas no Quadro 01.

Quadro 01- Comparações teóricas entre os conceitos de *Script* de vida e mito familiar

	<i>Script</i> de vida	Mito Familiar
Aspectos de aproximação		
Elementos restritivos	Presentes, com a abdicação de direitos para ajuste à situação.	Presentes, coordenando e distribuindo papéis, funções e hierarquias.
Motivos para a criação	Responder a perguntas básicas sobre a própria identidade e a dos outros, sobre funções no mundo, etc.	Compreender a essência do ser, legitimar regras de relacionamento e dar sentido aos acontecimentos.
Meio de transmissão	Mandatos, injunções e	Mandatos, rituais e legados

	atribuições. Ênfase em três gerações.	a serem cumpridos. Ênfase em três gerações.
Complementaridade nos papéis	Condição para se cumprir os papéis do script.	Condição para acatar a determinação da trama mítica.
Aspectos divergentes		
Transmissão transgeracional	Indivíduo.	Grupo.
Adoecimento (ou patologia)	Aceitação e internalização de mensagens patológicas pelo indivíduo.	Relações familiares disfuncionais.
Desenrolar das histórias	Previsível.	Plástico, transitório, imprevisível.
Iniciação do processo de criação	Aos dois anos de idade.	Não tem uma especificação de data.
Manutenção	Por meio de diálogos internos.	Por meio de relações entre pessoas.

Tendo passado por essas considerações, sobretudo considerando aproximações e diferenças teóricas entre os conceitos propostos, podemos prosseguir para as considerações finais.

Considerações finais

A família demonstra sua complexidade desde seus primórdios. Sempre em movimento, é a instituição primeira a ser chamada a mudanças para se adequar às regras impostas pela sociedade na qual está inserida. Apesar disso, alguns fatores estagnam no tempo, causando a problemática relacional capaz de resultar em adoecimentos e gerar tragédias. Com este entendimento compartilhado por duas teorias, e valendo-se da noção de transmissão transgeracional, procura-se neste artigo colocar em diálogo os conceitos de *Script* de vida e mito familiar, que apontam para o não dito, os segredos e as crenças que impõem comportamentos e se repetem de geração a geração na família. Passamos, assim, pela apresentação de cada um dos referidos conceitos, inseridos em seus esquemas teóricos

de produção, quais sejam, a Análise Transacional e a Terapia Familiar Sistêmica, respectivamente. Em seguida, fizemos reflexões teóricas comparativas entre os conceitos, buscando explicitar suas semelhanças e diferenças. Neste exercício, notamos que existem muitos pontos de convergência entre eles e alguns outros de divergência, especialmente em se tratando do foco colocado no indivíduo, para o caso do *Script*, diferente daquele colocado no grupo, para o caso do mito.

Um estudo mais aprofundado destes conceitos em diálogo pode ajudar para que sua existência seja reconhecida, apontada e revelada para as pessoas influenciadas por estas forças, geralmente inconscientes. Isso permitirá que elas possam fazer suas próprias escolhas e recuperarem sua autonomia. Este trabalho poderá servir, dessa forma, como incentivo para que estudiosos interessados e preocupados com a problemática familiar, que restringe a autonomia e espontaneidade de pessoas aprisionadas por forças ocultas, possam se valer de duas proposições teóricas importantes sobre o assunto, permitindo uma atuação mais abrangente e, ao mesmo tempo, convidando a novos estudos que permitam uma compreensão cada vez mais precisa dos padrões interacionais que capturam a liberdade de expressão das pessoas na família e na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDOLFI, M. *A Linguagem do Encontro Terapêutico*; Tradução de Rosana Severino Di Leone: Artes Médicas, 1996. 45 p.
- ANDOLFI, M.; ANGELO, C. *Tempo e Mito em Psicoterapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BERNE, E. *Análise Transacional em Psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1981.
- BERNE, E. *O que você diz depois de dizer olá?: A psicologia do destino*. São Paulo: Nobel, 1988.
- BION, W. *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
- BOWEN, M. *Family Therapy*. In: Clinical practice. New York: Hasper T. Row, 1978.
- CREMA, R. *Análise Transacional Centrada na Pessoa... e mais além*. São Paulo: Agora, 1985.
- ENGLISH, F. *Epicript ou o "Jogo Da Batata Quente"*. TAB, 8(31), 1969.
- FERREIRA, A. J. *Mitos familiares*. In: BATESON, G.; FERREIRA, A. J.; JACKSON, D. D; LIDZ,; *Tiempo Contemporâneo*, 1974. P. 156.
- FREUD, S. *Psicologia dos grupos e análise do ego*. In: FREUD, S. (1921) edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 13 Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GOMES, D. M. *Mitos Familiares: Memória e ocultação- uma abordagem relacional sistêmica*. Cabral, Editora Universitária. Taubaté/São Paulo, 2000.
- KAËS, R. *Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração*. In: EIGUER, A. (org.). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo, Unimarco, 1988.
- KERTÉSZ, R. *Análise Transacional ao Vivo*. São Paulo: Ed. Summus Editorial, 1987.

KROM, M. *Família e Mitos- Prevenção e terapia: Resgatando Histórias*, São Paulo: summus, 2000.

MINUCHIN, S. *Famílias e Casais: do sintoma ao sistema*. Tradução Jorge Dellamora melo -Porto Alegre: Artmed, 2009.

KROM, M. K. *Família e Mitos- Prevenção e Terapia: Resgatando Histórias*, São Paulo: Summus, 2000.

NORIEGA, G. *Co-dependência Um Script Transgeracional TAJ*, v.34, nº 04, outubro 2004.

PACOLLA, M. K. *Leitura e diferenciação do mito*. São Paulo: Summus, 1994.

SILVA, M. C. P. *A Herança Psíquica na Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 184 p.

SELVINI-PALAZZOLI, M., BOSCOLO, L., CECCHIN, G., & PRATA, G. *Paradox and counter-paradox*, New York; Aronson, 1978.

STEINER, C. *Os Papéis que Vivemos na Vida*. Tradução de George Schlessinger. Rio de Janeiro, Editora Artenova S. A., 1976.